

RIO

Risco recalculado

Análise técnica da Geo-Rio faz prefeitura desistir de remoção total no Morro dos Prazeres

Tais Mendes

Um ano após o desmoronamento que deixou 34 mortos no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, a prefeitura desistiu de remover as 1,7 mil casas da comunidade, como havia anunciado na época da tragédia. Na ocasião, o órgão havia optado pela retirada dos moradores porque, pelas estimativas da Fundação Geo-Rio, o custo das obras de contenção para evitar novos deslizamentos de terra seria inviável. Agora, um novo levantamento feito pela fundação descarta a necessidade de remoção total. Com a revisão, serão derrubadas apenas 229 casas (ou 13,5%), todas no entorno da encosta que caiu no dia 6 de abril de 2010.

No ano passado, a prefeitura também havia anunciado a remoção total das casas do Laboriaux, no alto da Favela da Rocinha. À época, Eduardo Paes afirmou que “não daria mais para essas pessoas continuarem a correr risco de vida a cada chuva”. Ele disse ainda que não seria responsável por pessoas mortas ou sem dormir durante o verão.

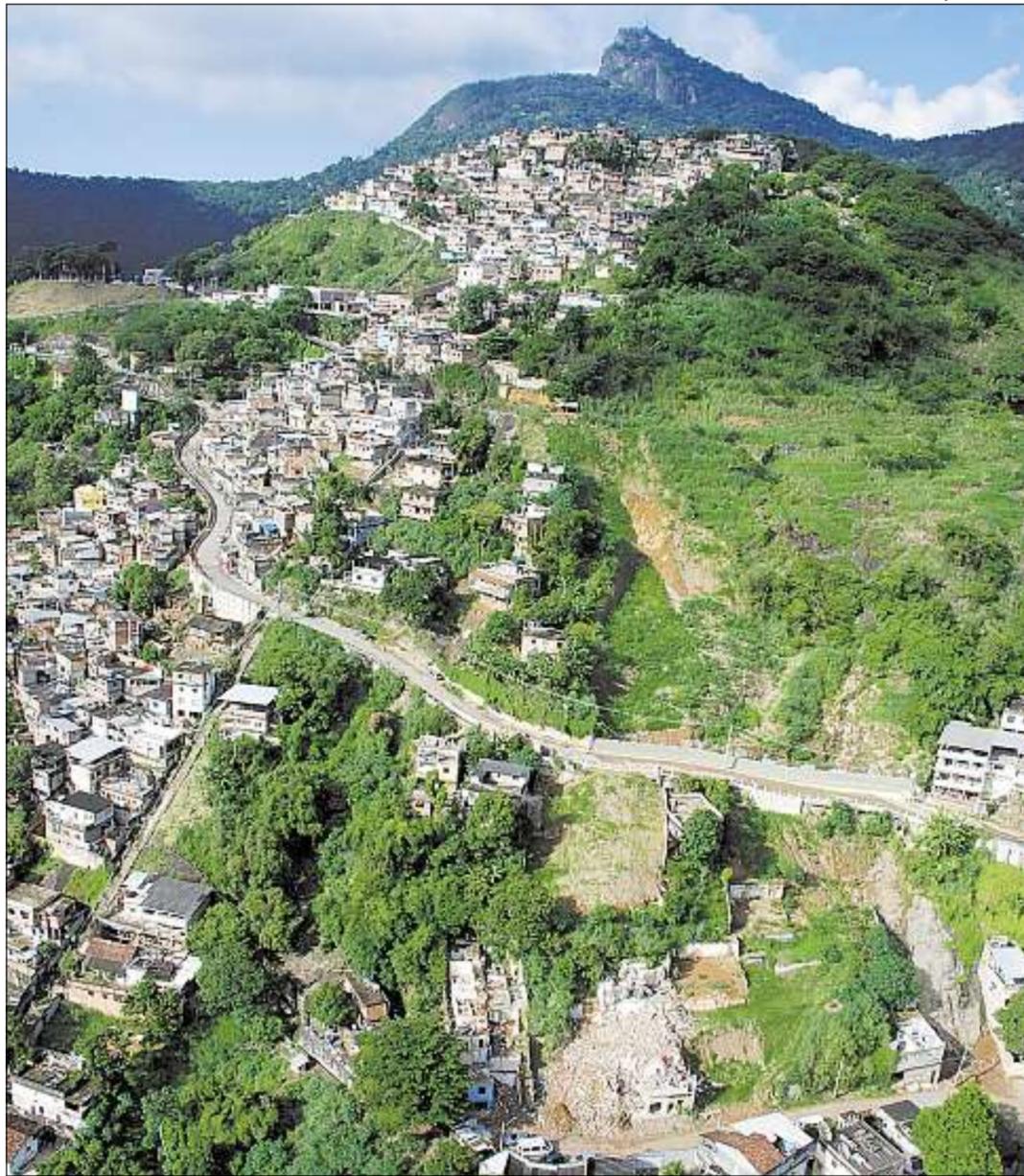
Obra de contenção de encosta foi feita

• Hoje, o secretário de Habitação do município, Jorge Bittar, avalia que as declarações de Paes foram feitas sob o impacto da tragédia:

— Diante da chuva e do grande impacto em vários morros da cidade, com mortes e um grande número de desabrigados, numa atitude de grande cautela, houve uma primeira intenção de remover todo o Morro dos Prazeres e o Laboriaux. Posteriormente, o prefeito determinou um amplo estudo geotécnico na cidade, concluído em fevereiro deste ano, que determinou com precisão a declividade de cada encosta da cidade, um dos fatores mais críticos para o deslizamento. No caso dos Prazeres, a Geo-Rio fez mapeamento e já realizou obras de contenção das encostas.

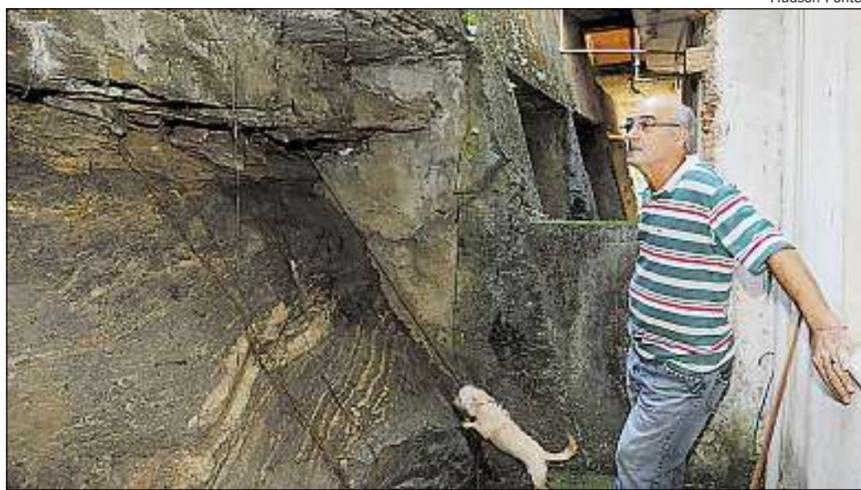
De acordo com a Geo-Rio, a decisão anunciada pela prefeitura no ano passado levava em consideração avaliações preliminares. Segundo a fundação, estudos extensivos, com novas tecnologias, concluíram que a favela em Santa Teresa não precisa ser removida. A Geo-Rio argumenta que se trata de uma área carente, onde a prefeitura já trabalha em projetos específicos, que indicam se o ideal é realizar obras de contenção nas encostas ou remoção, feita apenas em último caso. A Geo-Rio afirma que continua trabalhando na comunidade e elabora os laudos sempre que há necessidade de remover moradias em situação de risco.

De acordo com o secretário Jorge Bittar, das 229 famílias que estavam em áreas de risco e perderam suas casas, 126 recebem aluguel social e 73 foram indenizadas. Outras 20 famílias ainda aguardam as indenizações que, segundo Bittar, serão pa-



A REGIÃO do Morro dos Prazeres onde um deslizamento de terra soterrou casas e matou 34 pessoas, em abril de 2010

Hudson Pontes



FRANCISCO POLITO

diz que sua casa não está em área de risco: ele conseguiu uma liminar para impedir que o imóvel, ao lado de uma pedra, seja demolido

gas na próxima semana.

— Quem está recebendo o aluguel social aguarda os novos empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida em áreas centrais. A nossa sugestão, que será apresentada para as famílias em breve é o Bairro Carioca, em Triagem — disse Bittar, informando que o projeto original de construir um conjunto habitacional onde antes funcio-

navo o presídio da Frei Caneca foi descartado. — O governo do estado desistiu do empreendimento.

De acordo com o secretário, as primeiras unidades serão entregues em dezembro e as demais ao longo do semestre.

— Serão 2.240 unidades e a prioridade são os desabrigados dos Prazeres e outros morros atingidos —

afirmou Bittar.

A família de Eliza Rosa Brandão, presidente da Associação de Moradores do Morro dos Prazeres, é uma das 20 que há um ano aguardam a indenização pela casa ou o pagamento do aluguel social:

— Estou morando em uma casa onde fiz uma promessa de compra. Daqui a pouco, vou ter que

devolver a casa e voltar para a minha antiga, em área de risco, que não foi demolida ainda. As outras famílias estão vivendo situações semelhantes.

Eliza conta que as obras de contenção na comunidade foram interrompidas.

— Fizemos numa área do deslizamento, mas falta um trecho onde algumas casas foram pré-demolidas. Recentemente é que eles começaram a limpar o entulho. Temos medo de novas chuvas. O que nós somos para o poder público? Nada? Queremos um lar para entrar e dormir tranquilos — reclamou Eliza.

Algumas casas só foram abaixo agora

• Segundo informou a Geo-Rio, foram investidos R\$ 5,4 milhões nas obras emergenciais de contenção nos locais mais afetados. O trabalho incluiu a reconstrução do talude para tornar a encosta estável e menos íngreme. Esta semana, funcionários da prefeitura trabalhavam na demolição de várias casas em área de risco que ainda permaneciam de pé. Segundo moradores, o trabalho tinha sido suspenso.

— Finalmente, eles retornaram há uma semana, depois que os moradores denunciaram que os escombros estavam virando foco de dengue — contou Francisco Polito, nascido e criado no morro.

Francisco, que conseguiu uma liminar na Justiça para impedir a demolição de sua casa, ainda aguarda a chegada do perito nomeado pelo juiz. Ele mora no imóvel de dois pavimentos com a mulher, Míriam Pereira, e a filha de 5 anos. No segundo piso, vive a outra filha com o marido e o neto de Francisco, de 9 anos. A presença da casa não permite que a prefeitura continue as obras de urbanização do local.

— A prefeitura diz que tem risco e o perito que contratei diz que não tem. Na realidade, não é a minha casa que está em área de risco. Ela oferece risco ao alargamento da rua que a prefeitura começou. Eles não dizem o real motivo para desvalorizar o imóvel. Me ofereceram R\$ 141 mil em duas casas de três quartos cada e dois mil metros quadrados de terreno. Com esse dinheiro, aí sim vou passar a viver em área de risco porque só no alto de despenhadeiro consigo um imóvel semelhante por esse preço — disse Francisco.

A Secretaria de Habitação do município informou que parte das obras de reurbanização ainda não foi concluída, mas não confirmou se a casa de Francisco está no meio do caminho. De acordo com a Procuradoria Geral do Município (PGM), o primeiro perito designado pelo juiz não executou o serviço. Outro perito foi destacado e terá o prazo de 10 a 15 dias para vistoriar a residência. ■



Shopping Matriz, preço e qualidade.

Tudo que você precisa para o seu escritório, você encontra aqui, com o melhor preço, qualidade e pronta entrega.

Lojas abertas aos domingos e feriados das 9h às 17h.

- Penha Office Center: Av. Brasil, 10540 (Entre a Horta e o Morro do Jequitibá, em frente ao shopping Lobo Junior, amplo estacionamento)
- Barra Express: Av. Ayrton Senna, 3383 (Em frente ao Rio Parquet)
- Botafogo: Rua Voluntários da Pátria, 190 (Estacionamento pela Rua Dona Mariana, 77)

Veja amanhã neste jornal nosso encarte com as melhores ofertas em móveis de escritório.



www.shoppingmatriz.com.br

Em Niterói, Morro do Bumba teve 47 mortes

Em todo o estado foram 249 vítimas

• As enchentes de abril de 2010 deixaram um rastro de morte e destruição em outras áreas do estado. Ao todo, 249 pessoas morreram, sendo 164 em Niterói, 65 no Rio e 16 em São Gonçalo. Os municípios de Magé, Nilópolis, Engenheiro Paulo de Frontin e Petrópolis registraram um morto cada.

Em Niterói, 47 pessoas morreram no deslizamento no Morro do Bumba. A favela havia sido construída em um terreno instável, onde no passado havia funcionado um lixão. Apesar do risco, parte das famílias que sobreviveram à tragédia voltou a

ocupar o local, alegando não ter para onde ir porque o aluguel social pago pela prefeitura está atrasado.

Ainda em Niterói, três pessoas morreram em um deslizamento de terra no Morro Boa Vista. Duas mortes foram registradas no Estado e também no Morro dos Marítimos.

Na capital, além do Morro dos Prazeres, também ocorreram mortes em outras áreas de risco. No Morro do Borel, duas pessoas morreram num desabamento, sendo que uma delas era uma criança de cinco meses.